

Aula 5

O EGITO ANTIGO

META

Apresentar as características básicas da organização do Estado no Egito Antigo e discutir a natureza da documentação disponível a respeito da realeza faraônica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- listar as características geográficas do Egito Antigo;
- identificar a importância do rio Nilo para a vida econômica egípcia;
- identificar as características da organização política das cidades mesopotâmicas;
- identificar a natureza da documentação disponível a respeito da realeza faraônica.

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou cara aluna, vamos continuar com a nossa incrível viagem no tempo, simplesmente analisando as páginas da História. Na aula anterior estudamos alguns aspectos da organização da vida civilizada, assim como ela se constituiu nas primeiras cidades-Estado Mesopotâmicas. Nessa aula, abordaremos alguns fundamentos da organização da vida civilizada no Egito Antigo, nos atendo basicamente, como fizemos na aula anterior, à organização do Estado e da representação da figura do soberano.



Máscara mortuária do faraó Tutankâmon.
(Fonte: <http://www.images.google.com.br>).

EGITO ANTIGO

O Egito Antigo compreendia a estreita faixa de terra situada às margens do rio Nilo. A ocupação humana estendia-se de seis a cinco quilômetros de distância de cada margem do rio. A Leste e a Oeste, era cercado por desertos inóspitos que lhe serviam de barreiras naturais de proteção. Ao Norte, o mar Mediterrâneo. Ao Sul fazia limites com a terra dos núbios, muitas vezes alvo da cobiça expansionista da monarquia egípcia. Não seria fora de propósito afirmar que o Egito Antigo constituía-se em um imenso oásis, banhado pelas águas do Nilo, encravado no meio de um ambiente desértico. Nesse sentido, vale a pena repetir as palavras do historiador grego Heródoto ao descrever essas terras: “O Egito era um presente do Nilo”.

A agricultura, principal fonte de sustento da economia egípcia, dependia exclusivamente das águas do rio Nilo e de seu regime de inundações, motivadas por chuvas e derretimento de neve em suas cabeceiras. As cheias do rio ocorriam entre agosto e novembro. Depois as águas escoavam e o rio retornava para o seu leito. Após esse período, com a terra fertilizada pelo húmus trazido pela inundação, os egípcios iniciavam o trabalho de cultivo.

A questão de como começou o povoamento do vale do Nilo e da origem do Estado faraônico é complexa e sobre o assunto nada é possível ser dito de definitivo. Portanto, a esse respeito, não vamos nos ater à questão das origens. Sobre ela, destacaremos apenas de que forma os elementos que a compõem interagiram para a formação de aldeias agrícolas, que lentamente caminharam para a formação de um complexo aparelho estatal.

As margens do rio Nilo proporcionavam um ambiente favorável para a presença de grupos humanos. Nelas encontramos vestígios de comunidades humanas desde a fase paleolítica. Eram grupos de caçadores e coletores que ali se instalavam com o propósito de aproveitarem os recursos alimentares proporcionados pela rica vida animal e vegetal existente em suas águas e margens.

Os primeiros vestígios de culturas neolíticas datam de 4500 anos a.C. Eram pequenas aldeias nas quais se praticava uma agricultura rudimentar. Essas aldeias, em um processo de centralização motivado por diversos fatores, tenderam a se organizar em nomos, comunidades autônomas chefiadas por um nomarca. Como resultado desse movimento centralizador,



Mapa representando o Egito Antigo.
(Fonte: <http://www.images.google.com.br>).

Ver glossário no final da Aula

durante o **período pré-dinástico**, surgiram duas estruturas políticas: o Alto e o Baixo Egito, que posteriormente foram unificadas, formando o estado faraônico do Egito Antigo.

NOMO



Era uma divisão administrativa do Egito Antigo. O número de nomos variou ao longo da história entre trinta e cinco e os quarenta e dois. Cada nomo tinha a sua capital (niwt), um emblema próprio, um número e uma divindade tutelar à qual era dedicado um templo. Cada nomo dispunha igualmente das suas próprias regras e de festas locais. A existência de nomos no Antigo Egito remonta ao período pré-dinástico, quando várias cidades se uniram para formar um território unificado sob determinado poder.

À frente de cada nomo encontrava-se o nomarca. Este cargo foi em geral hereditário, embora em teoria o faraó pudesse nomear quem entendesse para desempenhar o cargo. Em geral, quando o poder real era sólido, era o faraó que nomeava o nomarca. Em outros casos, como na altura das guerras civis ou de invasões estrangeiras, os nomos organizavam-se por si próprios.

Disponível em : <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nomo> > Acessado em 21/03/2008

Uma das características principais da sociedade egípcia era que a quase totalidade das atividades econômicas estavam sobre o controle estatal. Aqui, como também o fora na Mesopotâmia, o complexo estatal era formado por um corpo burocrático e sacerdotal, espalhado por uma rede de palácios e templos.

A maior parte das terras agricultáveis era controlada pelo governo central. Quando cessavam as inundações e chegava a época da sementeira, funcionários ligados à estrutura do Estado avaliavam a extensão das terras aráveis disponíveis para o ano em questão, e a disponibilidade de mão de obra para cultivá-las. Era de acordo com essa avaliação que se distribuía as sementes necessárias e estipulava-se a quantidade de grãos que seriam pagos como impostos aos celeiros do Estado. Dessa forma a maior parte da produção agrícola era canalizada para a máquina estatal.

O Estado faraônico funcionava assim como uma grande estrutura que concentrava a maior parte da riqueza produzida no reino. Com ela financiava suas obras, construía templos, mantinha obras de irrigação, distribuía comida em épocas de penúria e garantia a vida faustosa da aristocracia burocrática e sacerdotal.

O faraó ocupava a mais alta hierarquia dessa complexa máquina estatal, cujas funções se ramificavam para diversos setores da sociedade. A associação de sua figura com o mundo divino parece ser ainda mais estreita do que na Mesopotâmia. Em muitos dos testemunhos documentais, o faraó é representado como a própria manifestação da divindade, ele mesmo sendo o deus, e não um intercessor privilegiado, como se pode ver no canto em homenagem da coroação de Ramsés IV, reproduzido abaixo

Ó dia feliz! O céu e a terra estão alegres
porque tu és o senhor do Egito!
Os que fugiram regressaram,
os que se escondiam apareceram;
os que tinham fome estão saciados e alegres.
os que tinham sede embriagaram-se,
os que estavam nus estão vestidos de linho fino,
os que estavam sujos resplandecem.
Os que estavam na prisão estão livres,
os que estavam tristes estão alegres;
os que combatiam neste país, pacificaram-se
[...]
Todos resplandecem de júbilo desde que foi dito:
“o rei do alto e do baixo Egito
ostenta de novo a coroa branca!
O filho de Rá, Ramsés,
Ocupou o trono que foi de seu pai!”
As duas terras dizem-lhes:
“Belo é Horus no trono de seu pai Ámon-Rá [...]
(HORNUNG, 1994).

O canto apresenta o Faraó, soberano egípcio, como a própria manifestação divina do deus Hórus. Como no exemplo de Hamurabi, ele também aparece como o promotor da felicidade, justiça, ordem e abundância. Mas lembre-se, caro aluno ou cara aluna, neste caso também se trata de um documento oficial ligado às esferas do poder. A imagem divina do soberano, promotora da justiça e da riqueza, liga-se basicamente às esferas oficiais. É a própria instituição da realeza falando sobre ela mesma. É uma auto-imagem da monarquia faraônica, que expressa a forma como ela quer ser vista, temida e reverenciada. Não podemos tomá-la como retrato fiel da realidade, considerando que toda sociedade responderia de maneira mecânica ao poder do faraó, pois este sendo um deus a tudo comandava



Estátua representando o faraó Ramsés IV com Amón
(Fonte: <http://lh6.ggpht.com>).

e todos, de bom grado, deveriam servi-lo, trabalhando e pagando tributos. Em que medida a massa da população pobre e miserável egípcia respondia positivamente a essa versão oficial do Estado egípcio, submetendo-se resignadamente ao faraó divinizado, é uma questão que, infelizmente, a natureza dos documentos que nos servem de fontes para a reconstrução histórica Egito Antigo talvez nunca nos possibilite responder.



Querido aluno ou querida aluna, esta atividade tem por finalidade proporcionar um momento para que você possa refletir sobre o papel dos camponeses nas sociedades formadas pelos grandes estados do crescente fértil, nos inícios do período histórico. Leia o texto abaixo e depois responda as questões propostas.

Desde os tempos imemoriais até os nossos dias, o Egito sempre foi, acima de tudo, um país agrícola. A agricultura foi sempre a base da sua economia e, no decorrer de sua longa história, o seu bem estar e a sua prosperidade sempre dependeram dos produtos da terra. Foi o cultivo da terra ou, em última análise, o constante, perseverante, duro, obscuro e, muitas vezes, desprezado e sempre mal remunerado trabalho do agricultor que tornou possível todas as obras que deram ao Egito uma posição de primeiro plano entre as nações da Antiguidade pré-clássica. As pirâmides de Gizé, as *syringae* tebanas, as estátuas colossais, os obeliscos e os templos imponentes que surpreenderam os visitantes gregos e romanos, tal como surpreendem ainda hoje os turistas modernos, as jóias finamente trabalhadas, os linhos finíssimos, as alfaias e os utensílios de todo o gênero, hoje dispersos em coleções por todo mundo, o conforto doméstico da camada superior da população, as conquistas militares, a expansão comercial, a influência e o prestígio no exterior, em suma, toda a herança deixada pelo Egito à humanidade tem na sua base o suor do rosto do camponês. Durante os três milênios da história do Egito, o camponês foi a espinha dorsal da nação. Todavia, conhecemo-lo e conhecemos a sua classe social de uma forma confusa, imperfeita e unilateral. Nada sabemos diretamente, isto é, através de documentos redigidos na primeira pessoa que tenham chegado até nós. É um fato desagradável, mas que não surpreende; na realidade sendo majoritariamente analfabetos, os camponeses egípcios não nos deixaram testemunhos escritos de sua vida e das suas pessoas, das suas aspirações, das suas esperanças e da sua opinião acerca da sua humilde condição e de seu infortunado destino. O camponês situava-se no degrau inferior da escala social, era uma molécula da enorme massa de gente vulgar, indistinta, que constituía a maioria da população egípcia.

Lutava durante toda a vida com miséria, as privações e o cansaço físico e desaparecia sem deixar no mundo vestígios de si próprio: o seu cadáver era abandonado no deserto ou, na melhor das hipóteses, era lançado para uma estreita vala cavada na areia, sem qualquer pedra tumular com o seu nome (CAMINOS, 1994).

1. Com quais argumentos o autor do texto citado acima justifica sua afirmação de que o camponês egípcio constituía a espinha dorsal da nação?
2. Qual era condição social dos camponeses egípcios, segundo a descrição no texto acima?
3. Por que, segundo o texto, é difícil saber quais seriam as opiniões dos camponeses a respeito das condições sociais em que se encontravam?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Sendo a agricultura a principal atividade econômica do Egito Antigo, Caminos argumenta que era o trabalho pesado dos camponeses que gerava a riqueza que sustentava a opulência da civilização egípcia.
2. Os camponeses viviam de forma miserável, situando-se no nível mais baixo das hierarquias sociais.
3. A dificuldade para se estudar as opiniões e crenças dos camponeses egípcios deve-se à inexistência de fontes documentais deixadas por eles a respeito de suas próprias crenças e valores, pois não sabiam escrever, não deixando assim testemunhos diretos deles mesmos.

O camponês egípcio vivia pobre e miseravelmente. Embora as fontes sobre as suas condições de vida sejam escassas, há alguns testemunhos que permitem vislumbrarmos alguns aspectos de suas vidas. A Sátira dos Ofícios, obra que data do império médio (2150-1750 a.C.) é uma delas. Nela, referindo-se ao sofrimento do camponês, afirma-se o seguinte:



As fontes históricas sobre o Egito Antigo apresentam principalmente visões das elites da época. A escultura ao lado, feita durante o Médio Império, 12ª Dinastia, representa portadores de oferendas.

(Fonte: <http://www.upload.wikimedia.org>).

O camponês passa a vida a lamentar-se tem a voz rouca como a do corvo.

Tem feridas fétidas nos dedos e nos braços.

Está farto de estar na lama, e veste-se de farrapos e de trapos. É como se vivesse entre os leões; quando adoece, jaz no túmulo húmido.

Quando abandona o campo e regressa a casa, à tardinha, fica exausto com o caminho.

(CAMINOS, 1994).

A vida do camponês era dura, pobre e cheia de canseiras. O que será que o mantinha nessa condição de sujeição? Seria apenas a crença na divindade do soberano? Como nos alerta Caminos, é difícil responder a essa questão, pois não temos fontes documentais a respeito de suas crenças e aspirações. O que temos são relatos indiretos, provenientes das esferas da cultura erudita oficial.

As crenças de caráter religioso devem ter sido um dos fatores fundamentais na rede de poder que sustentava privilégios econômicos e sociais para uma pequena parte da população egípcia, porém não devemos deixar de lado o papel da violência como instrumento de exercício do poder. O testemunho reproduzido abaixo data do período romano e constitui-se em um bom exemplo das práticas dos cobradores de impostos e dos castigos a que eram submetidos aqueles que se desviassem de suas obrigações

Há pouco tempo, nomearam um cobrador de imposto em nosso distrito. Quando alguns devedores, que estavam atrasados nos pagamentos, naturalmente por serem pobres, fugiram com medo das terríveis conseqüências de um castigo insuportável, ele apoderou-se a força de suas mulheres, dos filhos, dos pais e de outros parentes, e, para que eles dissessem onde se tinham refugiado os seus parentes ou para que pagassem suas dívidas, espancou-os, pisou-o e fê-los passar por todo gênero de ultrajes e tratou-os de modo ignominioso. Mas eles não podiam fazer o que ele queria porque não sabiam onde eles estavam e porque eram tão pobres como os fugitivos. Por isso, o cobrador continuou a castigá-los e, por fim, matou-os [...]

(CAMINOS, 1994).

CONCLUSÃO

Bom, caro aluno ou querida aluna, vimos nessa aula alguns aspectos da vida em sociedade no Egito Antigo.

Apesar de termos apresentado características importantes sobre a organização estatal egípcia, que você deve ter notado se assemelhar às da Mesopotâmia, o principal elemento que gostaríamos de destacar, como conclusão dessa unidade, é que a natureza da documentação existente sobre as sociedades do Crescente Fértil limitam nossas possibilidades de estudos, portanto devemos ser cautelosos quando lidamos com elas. A grande massa de vestígios e testemunhos dessas épocas é proveniente de fontes que, como *Ciro Flamarion* qualificou, pertencem à esfera do que ele chamou de cultura erudita, ligada à aristocracia burocrática e sacerdotal. Temos muito pouco do que poderíamos chamar de testemunhos históricos ligados diretamente, por exemplo, às camadas camponesas. Os testemunhos que temos dessas sociedades falam-nos muito mais da grandeza de seus reis e deuses do que das formas associativas e expressões culturais que marcavam o dia-a-dia daqueles que cultivavam os campos e, com o suor do rosto, contribuíram para o fausto e opulência de seus senhores.



RESUMO

Nesta aula buscamos mostrar alguns aspectos da organização política, econômica e social do Egito Antigo. A sociedade egípcia apresentava profunda desigualdade social. No topo da hierarquia encontrava-se uma aristocracia burocrática e sacerdotal ocupando funções de comando na complexa estrutura estatal egípcia e usufruindo dos privilégios econômicos advindos de suas posições. No extremo oposto, poderíamos colocar a grande massa da população, formada por camponeses submetidos a diversas formas de sujeição e vivendo em condição de pobreza. A agricultura era a principal atividade econômica. Sua prática exigia a construção de diques e canais de irrigação para se controlar o regime de cheias do rio Nilo, que graças às suas inundações fertilizava o solo tornando-o propício ao cultivo. As imagens que retratam o faraó representam-no como um soberano de caráter divino em torno do qual orbitava toda a vida egípcia, a quem todos serviam e de quem provinham todos os benefícios.



AUTO-AVALIAÇÃO

1. Qual era a importância do rio Nilo para a vida econômica no Egito Antigo?
2. Em que medida pode-se afirmar que a visão que possuímos do faraó egípcio consiste basicamente na memória que a própria realeza faraônica quis preservar de si mesmo?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Eram as inundações do rio Nilo que fertilizavam a terra e permitiam, graças aos sistemas de irrigação, a agricultura no Egito Antigo.
2. Os testemunhos históricos que permitem estudar a figura do faraó, como monumentos arquitetônicos, escrita hieroglífica e tumbas funerárias, pertencem basicamente ao que Ciro Flamarion denominou de cultura erudita. É evidente que tal conceito é problemático, pois a divisão entre cultura popular e erudita pode ser facilmente contestada rejeitando-se a divisão entre popular e erudito. Porém, lembramos, caro aluno ou querida aluna, que as questões humanas possuem vários lados, tantos quanto forem as opiniões divergentes que possam haver sobre elas. Portanto, aqui vamos nos ater ao que a opinião de Ciro Flamarion tem de positivo, para o que de importante ela nos chama a atenção: os vestígios históricos que permitem com que possamos estudar a vida dos egípcios antigos não são neutros. Não são testemunhos produzidos por camponeses. Eles fazem parte de um conjunto de representações da realeza faraônica produzidas pela própria realeza e que tinham a finalidade de exaltar a figura do faraó registrando sua força, poder e realizações.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, abordaremos a cidade-Estado grega.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, C.F. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

WIKIPEDIA ENCILOPEDIA DIGITAL. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. > Acesso em : 21/11/2007.

CAMINOS, R.A. O Camponês. In: **Sergio Donadoni (org.) O Homem Egípcio**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

HORNUNG, E. O Rei. In: **Sergio Donadoni (org.) O Homem Egípcio**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

GLÓSSARIO

Período pré-dinástico: É o período de tempo antes de o Egito ser unificado, entre 4500-3000 a.C